

2

Tocando pra frente: e eu venho compondo minha história

Teus passos ficaram.
Olhe pra trás...
Mas vá em frente pois há muitos que precisam que chegues
Para poderem seguir-te.

(Charles Chaplin)

Para começar a relatar sobre meu tema de pesquisa, vou contar um pouco da minha história com relação à temática e a relação com o Serviço Social.

Nasci na cidade de Volta Redonda, no dia 15 de maio de 1978, filha de Rubens Cassemiro, desenhista projetista e de Maria das Graças Barbosa Cassemiro, auxiliar de enfermagem, ambos mineiros e irmã de Carlos Rubens Cassemiro, administrador de empresa.

Volta Redonda/RJ é um município situado na microrregião do Vale do Paraíba, dentro da região sul fluminense, cidade cortada pelo rio Paraíba do Sul, sendo este a principal fonte de abastecimento do município e também responsável pelo seu nome, devido a um acidente geográfico no seu curso.

A título de informação, o município de Volta Redonda tem na empresa, Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a maior siderúrgica da América Latina, sua principal atividade econômica. Sendo esta um marco no processo de industrialização do Brasil.

Seu principal produto, o aço viabilizou a implantação das primeiras indústrias nacionais, núcleo do atual parque fabril brasileiro. O aço da CSN está presente em diversos segmentos, entre os quais se destacam o Automotivo, Construção Civil, Embalagem e Linha Branca, fornecidos para clientes no Brasil e no Exterior.

A cidade é o centro econômico da região, e sua área é estratégica, localizada no eixo Rio/São Paulo, as duas grandes metrópoles do Brasil e também perto do estado de Minas Gerais.

Tive minha formação escolar no colégio Nossa Senhora do Rosário, mas apesar de estudar num colégio católico, as doutrinas e dogmas da igreja não influenciaram na minha formação profissional.

No começo da adolescência, por influência da minha mãe, conheci o espiritismo, onde por muitas vezes ia a um Centro Espírita Kardecista com ela para assistir palestras e participar de algumas atividades. O Centro Espírita que minha mãe frequentava estava situado numa comunidade pobre e dominada pelo narcotráfico .

Diante das muitas vivências que tive junto àquela comunidade no final do segundo ano do ensino médio, comecei a participar junto com a minha mãe de uma atividade do Centro que acontecia todas as quartas-feiras à noite, o “Sopão”, entrega de sopas para a população de rua de Volta Redonda. Além da sopa, levávamos roupas e calçados. O diálogo que estabelecíamos com aquela população tinha como foco a realidade da falta de moradia, alimentação, saúde e vestimentas.

Naquele momento, final do ensino médio, prestes a ingressar na universidade, a dúvida me assolava, pois não tinha a escolha da profissão. Foi quando conheci no Rio de Janeiro, um centro de psicologia aplicada, onde durante uma semana participei de testes vocacionais e atividades que poderiam me ajudar a contribuir na minha escolha.

O resultado saiu: Serviço Social. Naquela hora levei um baita susto, pois não tinha ideias mais profundas sobre a profissão e sobre assistentes sociais. Mas, comecei uma busca em Guias do Estudante e quando li a definição da profissão: trabalho comunitário, comunidade, diminuição das desigualdades, acessos, recordei da atividade do Sopão, aí pensei que o Serviço Social “já estava impregnado em mim”.

No final de 1999, prestei vestibulares para instituições de ensino públicas, por questões financeiras, não obtive a aprovação. Por influências de vizinhos que

estudavam em Taubaté, fiz a inscrição para ao vestibular da Universidade de Taubaté (UNITAU).

Em 2000, fui aprovada no vestibular, iniciei o curso universitário e o processo de mudança de cidade: saída da cidade natal, onde me criei e formei. Mas era também a possibilidade de criar novas amizades, novos espaços, amadurecimento e conquistas.

Logo no início do curso, me deparei com a disciplina *História do Serviço Social*, onde tive o primeiro contato com a origem da profissão. Recordo-me da Prof^a Maria Fernanda T. B. Costa, com seus cabelos enrolados, que quando ensinava, seus olhos brilhavam ao falar dos olhares, horizontes e a importância da escuta.

Logo no primeiro ano de curso participei do movimento estudantil e me tornei representante dos estudantes nas escolas e nos encontros do movimento estudantil de Serviço Social.

Por influência da professora Maria Teresa, comecei a ir para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), para assistir às aulas do programa de mestrado e doutorado de grandes professores de importância acadêmica no Serviço Social: Carmelita, José Paulo, Martinelli, José Vieira e também bancas de defesa de mestrado e doutorado de professores da UNITAU que aconteceram lá.

Depois comecei a participar de encontros de Serviço Social e Seminários de Formação Profissional, além de envolver-me no movimento estudantil em diversas cidades do estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, em âmbito nacional e regional, no decorrer dos 4 anos do curso. Observava naquele momento a postura dos alunos, a explanação dos conferencistas e todas as discussões que ali circulava. Todo esse processo foi crucial para minha formação pessoal e profissional.

Iniciei um estágio de observação no segundo ano de faculdade, numa instituição, a SOS Mulher Família, em Taubaté (SP), que trabalha com mulheres vítimas de violência. Como não podia intervir, minha atribuição era a de recepcionar, ser o primeiro contato com as pessoas que buscavam o serviço. Como parte da atividade, coletava nome, endereço, motivo da procura e encaminhava para o profissional de Serviço Social que estava de plantão.

No terceiro ano, fiz o estágio curricular, na FUNDHAS – Fundação Hélio Augusto de Souza, em São José dos Campos/SP, instituição que trabalhava na área da criança e do adolescente, especificamente, no *Projeto Maioridade*, com adolescentes que, ao completarem 18 anos encerravam suas atividades e o vínculo com a instituição.

Meu interesse pelo tema da presente dissertação surgiu a partir da minha vivência enquanto estagiária nos anos de 2001 e 2002, junto às instituições: SOS Mulher Família e FUNDHAS, após presenciar atitudes e relatos preconceituosos de assistentes sociais ao tratarem a temática LGBT com descaso e repugnância.

Nestas experiências comecei a observar a questão da diversidade sexual, e a me incomodar a maneira não profissional e pouco ética que alguns assistentes sociais tinham para julgar e, de certa forma, moralizar as pessoas com orientação homossexual.

Por essas razões optei pelo tema da diversidade sexual e pela construção de uma monografia de conclusão de graduação nesta perspectiva. Nas entrevistas com os sujeitos com orientação homossexual efetivadas para a construção do trabalho, eles questionavam a intervenção do assistente social e os processos de discriminação que já haviam enfrentado por parte de assistentes sociais.

O exercício de pesquisa efetivado para a construção do Trabalho de Conclusão do Curso me impulsionou e abriu novas possibilidades de pensar com maior aprofundamento nas discussões propostas.

No intervalo de quatro anos que sucederam a graduação em serviço social, dediquei-me integralmente ao exercício profissional, trabalhei em instituições públicas com projetos federais e estaduais, tive vivências em funções de coordenação e também fui assistente social de duas grandes empresas privadas: a CSN e o Grupo Votorantim, além de ocupar a diretoria da Seccional Sul Fluminense do CRESS 7ª Região/RJ.

No segundo semestre de 2008 me inscrevi no processo seletivo de mestrado da PUC/RJ, que havia sido referenciado a mim por amigos.

Recordar esses fatos, acontecimentos da minha vida e um pedaço da minha história me permitiu acreditar que toda a construção dessa dissertação não iniciou na entrada do mestrado, mas sim foi galgada ao longo da minha caminhada, onde

peças que convivi, diálogos e gestos se materializaram na minha formação como ser humano.

Em 2008, mudei-me de Volta Redonda, da “cidade do aço” para a “cidade maravilhosa” o que deu nova dimensão e conotação à minha vida. Viver numa cidade com praias, beleza exuberante, alegre e ainda estudar na PUC, uma instituição em que almejava desde os tempos da graduação, ingressar.

Nesse período assumi o compromisso e o desafio de ingressar no mestrado e redigir uma dissertação e hoje em 2010, aqui estou, apresentando um trabalho inovador e audacioso para o Serviço Social, que significa muito na minha vida e no meu amadurecimento intelectual e pessoal, pois fui construindo e desconstruindo minha própria trajetória de vida.

Minha trajetória no mestrado é construída com os diferentes diálogos possíveis, na graduação pesquisei a diversidade sexual, agora no mestrado estudei a identidade de gênero. Uma temática inovadora no Serviço Social, que tem suas especificidades e importância para a profissão.

A construção da temática e o fator determinante por optar pelas travestis e transexuais se deram a partir da minha participação em congressos e nas reuniões do Grupo de Pesquisa, Diversidade Sexual, Cultura e Religião da PUC/RJ onde observa que esses segmentos não eram estudados e aprofundados pela profissão.

O convite surgiu da profissional Ana Maria Bontempo, assistente social e pesquisadora do grupo, para conhecer e participar da primeira reunião do Grupo *Transrevolução*, um grupo de travestis e transexuais que luta pelos direitos de cidadania, orientação sexual e identidade de gênero do Grupo Pela Vidda no centro da cidade.

Desde a primeira reunião, me aproximei das travestis e falei do meu desejo em participar das reuniões e realizar minha pesquisa de mestrado.

Comecei a conciliar os conhecimentos na área de estudo, através de livros, vídeos, palestras, seminários e eventos do tema, convivendo por dois anos com transexuais e travestis. As reuniões do grupo *Transrevolução* ocorriam quinzenalmente no Pela Vidda, instituição direcionada para pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS na cidade do Rio de Janeiro.

Nos encontros, observava as interações e debates entre as participantes, além de coletar narrativas de história de vida. Pude estudar as vivências e compreender características de cada participante, bem como o universo de cada uma.

Essas experiências todas não podem ser desconsideradas quando pensar na busca pelo meu tema de pesquisa. Tema este que sempre esteve presente durante minha trajetória de formação e agora de pesquisador.